



**Vargas Netto, M. J. (2016). *Gestos tecnológicos: O que pensa o YouTube em um curso de formação de professores de uma universidade pública na cidade do Rio de Janeiro?* NEFI, Coleção: Teses e Dissertações.**

páginas 125

ISBN: 978-85-93057-05-2

**Resenhado por Dagmar de Mello e Silva  
Universidade Federal Fluminense  
Brasil**

*Gestos tecnológicos: O que pensa o YouTube em um curso de formação de professores de uma universidade pública na cidade do Rio de Janeiro?* da autoria de Maria Jacintha Vargas Netto é um livro que trata dos novos regimes de comunicação que vêm instituindo novas práticas em nosso cotidiano e consequentemente na educação formal. Em sua introdução o texto procura problematizar a dualidade ora otimista ora pessimista que comumente é colocada em confronto quando se trata do digital em rede. Dualidade esta que nega as multiplicidades e as imprevisibilidades das práticas humanas.

A partir das “experiências do pensamento” decorrentes da cultura digital em rede, mais especificamente no espaço/tempo do *YouTube*, a autora nos apresenta “gestos tecnológicos” (Netto, 2016, p. 33) tais como: “curtir, embedar, copiar, exibir, compartilhar, incorporar, spectar, conversar, contar”, (p. 45) que se traduzem em narrativas que nos convocam a



pensar nossas práticas educativas numa perspectiva que rompe com qualquer dualidade.

O texto vai sendo tecido por indagações e reflexões que criam contrapontos, ou melhor dizendo nas palavras da autora: “intervalos do todo” (p.19), que refutam qualquer ideia de totalidade posta a *priori*, criando aberturas para novas relações estéticas e epistemológicas no ato educativo, “ampliando o campo dos possíveis da percepção, do sentir, do pensamento e da ação” (p. 21). É no enlace entre as tecnologias contemporâneas com seus novos regimes de imagens e sons e dos espaços de educação formal, como o de turmas de formação de professores na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que a escrita transcorre, nos convidando a pensar “de que maneiras estes gestos tecnológicos vêm reconfigurando as questões de autoria, as de produção dos discursos e as de produção e partilha do pensamento em nosso tempo?” (p. 21). Desta forma “o gesto da pesquisa” interroga a físsura que separa técnica e pensamento, propondo a religação entre esses dois polos, para tornar viável o pensar tecnológico.

O estudo apresentado não trata da mera interrogação de um artefato como o *YouTube*, muito mais do que isso, a pesquisa de Maria Jacinta Vargas Netto busca nos gestos possíveis em um contexto de educação formal, no caso, o de turmas de professores em formação, encontrar “outros tantos gestos praticados a partir de vídeos e do digital em rede” que nos indique como as pessoas estão ressignificando suas práticas, seus modos de ser e de fazer no mundo. Nesse convite ao pensamento, para interrogar e problematizar “o *You Tube* e nós” (p.55), a autora nos conduz, inicialmente, à noção de gestos:

Os gestos são marcas dos corpos no mundo. Os gestos podem, em alguns casos, deixar marcas, registros,

resultados, consequências. Entretanto um gesto não é uma marca, registro, resultado, consequência. Uma pegada não é um gesto, pois o gesto é o caminhar (p. 27).

Apoiada em Agamben (2007), Maria Jacinta nos diz que os gestos são “atos de resistência dos sujeitos aos dispositivos que os capturam, até mesmo ao dispositivo da linguagem.” (p.28). Justamente por isso, as explicações das causas, tão caras ao pensamento científico, não nos ajudam na compreensão dos gestos. Isso porque tais explicações abrigam o gesto numa categoria fenomenológica e não “como uma expressão aberta a uma interpretação codificada.” Pensamos a partir dos gestos e precisamos interpretá-los, “lê-los do mesmo modo que lemos um livro ou espectá-los do mesmo modo que espectamos imagens e sons em um vídeo” (p. 28)

A autora cita Flusser (1994) para dizer que o gesto se insere no terreno da linguagem e que por isso ele pode estar velado para as explicações, porém, aberto às interpretações. Para Flusser (1994) os gestos seriam “um movimento do corpo, ou de um instrumento unido a ele, para o qual não se dá nenhuma explicação satisfatória” (p.8). Nesse percurso chega-se a um primeiro platô onde podemos compreender o gesto numa relação com o meio que, por sua vez, lhe confere sentido. Entendido sob essa perspectiva um gesto é individual e coletivo ao mesmo tempo, posto que o gesto está em permanente relação de alteridade. Saltando para um outro platô vemos que os gestos reconciliam espaço e tempo. Um gesto é um gesto porque evolui no espaço:

Nos gestos, o espaço só pode se constituir ao ser percorrido. Uma estátua não é um gesto. Entretanto, a mão que desliza sobre o mármore o é. Expor uma estátua, olhar para ela, lembrá-la, contá-la para outros homens, esses são gestos que se expõem

às interpretações. O tempo, aqui, vira o jogo. Na intensidade de um gesto, o tempo possui o espaço. É o tempo que faz existir o gesto enquanto linguagem a ser decifrada” (p. 29).

Portanto, para ser interpretado, o gesto precisa ser captado no movimento em que ele acontece, na dinâmica das relações que estabelece, na intensidade de seu transcurso. Chega-se aqui ao terceiro platô. Aquele que nos mostra que o gesto é uma tomada de posição, criação, uma forma de arte.

Arte de fazer, arte de expressar, arte de fazer dialogar, arte de alterar os sentidos e os sentires, arte das linguagens do corpo (p. 30).

Pensar os gestos como criação, tal qual uma experiência com a Arte, pode ser um modo de escaparmos das significações universais dadas aos signos. Se é na linguagem e através dela que nos constituímos como sujeito no mundo, a experiência gestual situa-se “na diferença entre o linguístico e o humano, entre o dado e o aprendido, o que temos e o que não temos ao nascer” (Kohan, 2005, p. 234). Pensar os gestos nessa perspectiva é pensá-los

a partir dessa reconciliação entre tempo e espaço. É pensar dinâmico, instável, inconcluso, ambíguo. É um pensar-cinema, um pensar-vídeo, posto que nessas artes o pensar é tempo (p. 30).

O gesto da pesquisa desenvolvida por Maria Jacintha procurou pensar com professores em formação, possibilidades de práticas, “modos e maneiras de nos relacionarmos com as culturas do digital em rede, a partir dos usos do *YouTube*”(p.36) Cultura esta que produziria “Técnicas de vida” que “borram fronteiras entre indivíduo e mundo, tempo e espaço, natural e cultural, produção e consumo, nó e rede” (p.34), dualidades que marcaram o pensamento moderno. Para tanto a pesquisadora lançou mão dos gestos

de narrar e seus sentidos possíveis a partir das tecnologias.

A pesquisa foi construída a partir de curadorias de imagem, sons e vídeos produzidos pelos alunos e postados no *YouTube*. Curadorias estas que se caracterizaram pela diversidade de narrativas que foram compartilhadas com as turmas, discutidas, recontadas e reconstruídas nos espaços educativos que se instauram. Através de provocações em sala de aula, discutiu-se os usos e táticas que os alunos já vêm praticando na utilização do *YouTube* ou de outras tecnologias. Enfim, a pesquisa procurou refletir como as experimentações e “desordens estéticas” no *You Tube* podem dar a pensar sobre as possibilidades de ser professor e de inventar-se como professor. O *YouTube* aqui, foi concebido como “personagem conceitual” (Deleuze; Guattari, 2010 *apud* Vargas Netto, p. 50) que nos dá a pensar as imagens, os sentidos de mostrar e de mostrar-se, de narrar e narrar-se.

Faz pensar outras tantas tecnologias e técnicas, faz pensar os sentidos da tecnologia e da técnica e de suas utilizações pelas pessoas, nas culturas. Para além de buscar encontrar sentidos no próprio artefato e nas suas utilizações, o trabalho buscou percebê-los como uma forma particular de pensamento que nos convida a interrogar umas tantas outras formas presentes nas culturas como, até mesmo, a forma-educação (p. 107).

Sob essa perspectiva conceitual e inspirada em pressupostos teóricos que põem a questão do espectador no cerne da discussão sobre as relações entre arte e política, proposta por Rancière (2008) a autora nos interroga: “Quais seriam as condições de um pensamento para que esta conexão possa se dar a ver?” (p.107) Questão esta, que nos requisita pensar as relações que estabelecemos com as tecnologias e as técnicas não apenas como ações sobre o

mundo, mas também como ações sobre nós mesmos. O que torna inevitável a reflexão sobre “Técnicas de vida” (*tekhnai tou biou*) (p.107), originalmente praticadas pelas escolas filosóficas das antiguidades grega e romana, mas que podem nos reportar às técnicas de vida em outros espaços nas culturas contemporânea.

Mas afinal que conclusão chega a autora? O que o YouTube tem a nos ensinar? Não é com respostas que ela atende a essa questão, mas sim com outras tantas questões:

O que pode dar a pensar o artefato desenvolvido na lógica do capital, com suas páginas cheias de propaganda, com suas postagens que nos fazem mergulhar em um mar de banalidades, essa coleção em permanente crescimento de tantas futilidades humanas? O YouTube nos faz, de certo modo, perceber a humanidade em estado fútil? A questão seria, então, encontrar sua utilidade? Sua utilidade em educação? Ou até mesmo sua utilidade como formação pessoal? Para fazer dele técnica de vida seria preciso fazê-lo útil? ” (p. 108)

As experiências apresentadas por esse livro deixam claro sua despreocupação com as supostas especulações sobre a banalidade e a futilidade no *You Tube*, já que os gestos praticados através deste artefato, nos mostram que técnicas de vida estão sendo exercidas e que algo se passa em seus espaços/tempos. Algo que na voz da autora:

*pensa em tais atos mesmo que seus sentidos, sabores e saberes continuem a nos escapar.*

A tecnologia se embaraça com a história da humanidade e os artefatos que dela são produzidos alteram a ecologia humana. Portanto, pensar sobre nossos gestos tecnológicos é uma ação ético-política que nos ajuda a compreender como as intervenções comunicacionais, oriundas das novas tecnologias, atuam nas mutações existenciais que se expressam em nosso tempo e de que forma a educação pode se engajar no propósito de promover práticas capazes de reinventar as relações dos sujeitos com o corpo, com os espaços, com o tempo, enfim com a vida, numa relação ética de uma alteridade que reconhece a potência das diferenças. Talvez essa seja uma tarefa que se aproxima mais do artista do que dos especialistas convictos na eficácia dos métodos educacionais.

Penso que é fundamentalmente disso que trata a escrita de Maria Jacintha, de criar aberturas para que esses gestos tecnológicos possam gerar novos mundos. Mundos atentos a nossa historicidade individual e coletiva, para que os erros do passado possam iluminar saídas possíveis para outra história, aquela onde poderemos criar outras memórias. Memórias que alimentem utopias de futuro ou ao menos possibilidade de espera por um futuro que não esteja fixado só no presente.

---


## Referências

- Agamben, G. (2007). O autor como gesto. In: G. Agamben, *Profanações*. São Paulo: Boitempo.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2010). *O que é filosofia?* São Paulo: Ed. 34.
- Flusser, V. (1994). *Los Gestos. Fenomenología y comunicación*. Barcelona: Herder.
- Khoan, W. (2005). *Infância. Entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Rancière, J. (2008). *Le spectateur émancipé*. Paris: La fabrique.

### Acerca da Autora da Resenha

**Dagmar de Mello e Silva:** Professora associada da Universidade Federal Fluminense – Faculdade de Educação – Departamento de Fundamentos Pedagógicos. Pesquisadora dos programas de pós-graduação: Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI) e Programa de Pós Graduação em Comunicação, Mídias e Cotidiano (PPGMC).



 *Education Review/ Reseñas Educativas/ Resenhas Educativas* is supported by the edXchange initiative's Scholarly Communications Group at the Mary Lou Fulton Teachers College, Arizona State University. Copyright is retained by the first or sole author, who grants right of first publication to the *Education Review*. Readers are free to copy, display, and distribute this article, as long as the work is attributed to the author(s) and ***Education Review***, it is distributed for non-commercial purposes only, and no alteration or transformation is made in the work. More details of this Creative Commons license are available at <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>. All other uses must be approved by the author(s) or ***Education Review***. ***Education Review*** is published by the Scholarly Communications Group of the Mary Lou Fulton Teachers College, Arizona State University.

**Disclaimer:** The views or opinions presented in book reviews are solely those of the author(s) and do not necessarily represent those of *Education Review*.

Connect with *Education Review* on Facebook (<https://www.facebook.com/pages/Education-Review/178358222192644>) and on Twitter @EducReview